



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

## BRASILEIROS E O MUNDO DO TRABALHO NA DIÁSPORA ATLÂNTICA

Maria Gonçalves Conceição Santos

Doutora. em Geografia e Pesquisadora do Grupo Recôncavo/UNEB

E-mail: mgsantos1962@yahoo.com.br

### Introdução

O processo de globalização traz profundas modificações no mundo do trabalho e tem impulsionado os movimentos internacionais de variados povos. A produção é reorganizada com o intuito de ampliar as possibilidades de lucro, mantendo assim o acúmulo do capital. É nesta nova ordem de complexidades, que o trabalhador brasileiro é inserido no espaço português. Em uma sociedade em que o *slogan* consiste em produtividade, competitividade e lucratividade, entender como acontece a integração dos imigrantes ao mundo do trabalho, constitui uma condição preponderante. Isso porque, o emprego formal, com segurança, salários reais e vantagens sociais torna-se, a cada dia, mais escasso para os trabalhadores autóctones e, sobretudo, para a maioria dos imigrantes. Em decorrência, amplia-se a instabilidade da classe trabalhadora com o aumento do emprego temporário, do modelo “*part time*” e sem garantias sociais.

As condições de emprego vivenciadas pelos trabalhadores imigrantes, na atualidade, nem sempre acontecem de forma homogênea e igualitária para todos os empregados. O aumento de postos de trabalho temporário, sem a garantia de direitos sociais, representa um “desemprego disfarçado<sup>1</sup>”, (SOARES, 1997), cujas condições estão muito abaixo dos padrões aceitáveis. Nesse sentido, as sociedades defrontam-se com novas fontes de pressão, problemas de multinacionalidade, de politecnicidade e questões sociais que atingem uma dimensão também global.

Com isso, o mundo do trabalho é reorganizado seguindo essa lógica e depara-se com os seguintes problemas: legislação trabalhista diferenciada, trabalhadores autóctones, trabalhadores estrangeiros, xenofobia, racismo, entre outras. Essa forma de pressão social, vivenciada cotidianamente pelos trabalhadores brasileiros e outros imigrantes, na Região Centro de Portugal, tem dificultado a integração e uma convivência multiétnica respeitosa.

---

<sup>1</sup> Segundo Soares (1997), o desemprego disfarçado consiste num tipo de ocupação temporária, sem garantias trabalhistas e precárias condições de trabalho.

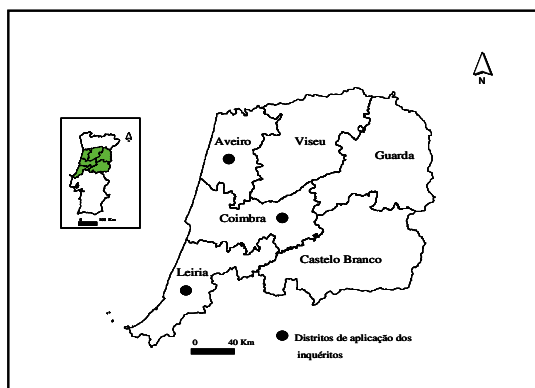
É no intuito de contribuir com as políticas públicas de integração da população imigrante, nomeadamente a brasileira, que o presente artigo tem como objetivo analisar as convivências, sociabilidades, a forma de inserção e a jornada de trabalho de brasileiros e brasileiras, na Região Centro de Portugal. Para isso, foram adotados os distritos de Coimbra, Leiria e Aveiro, para a realização da investigação. A análise das respostas dos 190 inquéritos e das 28 entrevistas realizadas diretamente aos trabalhadores brasileiros, foi importante para a compreensão da realidade. É com o intuito de entender a mobilidade do trabalhador brasileiro, em função das nuances do mundo o trabalho, que o texto procura refletir sobre as convivências, sociabilidades, a inserção e a jornada deste trabalhador, na região Centro de Portugal.

### Convivências e sociabilidades

As boas relações de solidariedade e as convivências no mundo do trabalho são importantes para que o imigrante sinta-se mais integrado à comunidade. Esse ambiente é construído a cada dia e formado pelo encontro de várias culturas. Para Santos (2001), a própria dinâmica da globalização leva a uma grande turbulência das populações, entre continentes e dentro deles, um caldeamento nunca visto de culturas, línguas, religiões e manifestações existenciais.

No intento de entender a complexidade das migrações Sul - Sul, o estudo foi realizado em três distritos da região Centro de Portugal, conforme a figura 1.

Figura 1 – Delimitação da área de estudo.



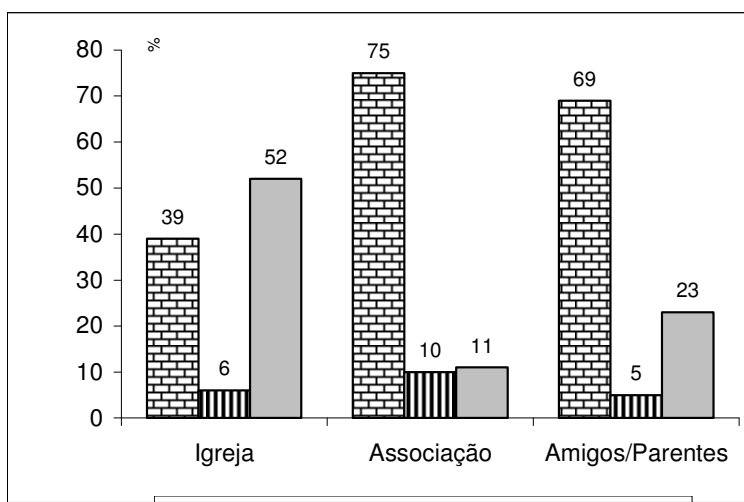
Fonte: Pesquisa de campo, 2005.

As regiões de Lisboa, Norte e Centro apresentam um maior quantitativo de brasileiros/as. Quanto à distribuição da população brasileira em Portugal, os distritos de Aveiro, Setúbal, Faro, Braga, Leiria e Coimbra têm destaque. Em função da maioria dos estudos sobre a imigração brasileira enfatizar as áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto, adotou-se a Região Centro para a investigação. Nesta, os distritos de Aveiro, Coimbra e Leiria foram definidos como área geográfica da pesquisa. Estes distritos, além de apresentarem uma relação histórica muito forte, uma vez que muitos portugueses, oriundos desta região, emigraram para o Brasil em épocas passadas, a Região tem potencializado vários investimentos, o que tem atraído brasileiros e brasileiras.

Portugal, a partir da década de 1970, passou a ser palco de variadas culturas, com a chegada de diferentes povos: angolanos, caboverdianos, guineenses, indianos, moçambicanos, santomenses, e duas décadas após, enquanto grupos significativos, chegaram também brasileiros, ucranianos, moldávicos, romenos, checos, italianos, espanhóis, americanos, franceses, alemães, entre outros. A maioria destes povos chegou para trabalhar por conta de terceiros, alguns para implantarem o próprio negócio e outros para descansarem. Não somente Portugal, mas também outros países da Europa têm tirado proveito desta mão-de-obra barata e em grande quantidade.

No tocante às redes de solidariedades que dão suporte ao processo inicial da imigração, indagou-se quem o trabalhador brasileiro procurou quando chegou a Portugal. A figura 2 ilustra que em primeiro lugar tem destaque a associação de imigrante. Neste sentido, a Casa do Brasil, o SOS Racismo e as demais associações de imigrantes constituem lugares onde os trabalhadores brasileiros buscam informações para uma melhor integração social. Em segundo lugar, os amigos e parentes são procurados e em terceiro lugar, a igreja.

Figura 2 - Redes de solidariedades



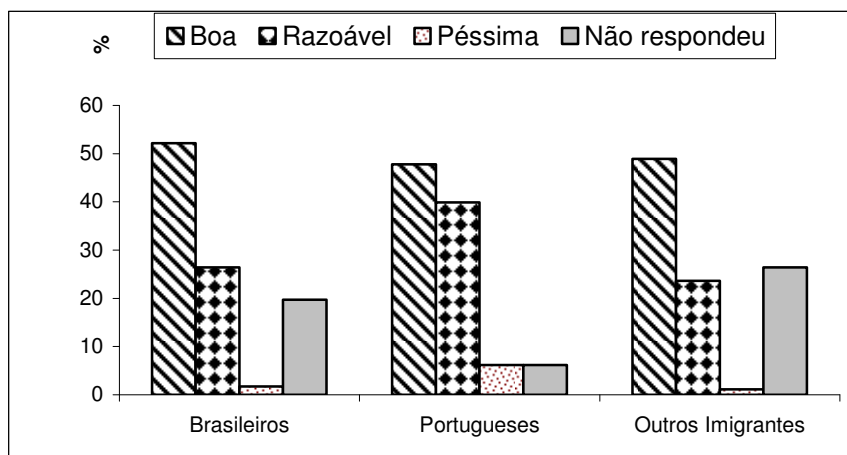
Fonte: Pesquisa de campo, 2005.

As respostas vêm reafirmar a importância das associações de imigrantes e das redes sociais no processo de acolhimento, conforme afirma o autor:

As redes assentes em laços familiares ou de conterraneidade proporcionam ajuda útil para arranjar abrigo, trabalho, assistência nos processos burocráticos e apoio perante dificuldades pessoais. Estas redes sociais tornam o processo migratório mais seguro e facilitado para os migrantes e as suas famílias (CASTLES, 2005:24).

No que diz respeito às relações e às convivências no ambiente de trabalho, o “clima” nem sempre é tão harmonioso, existem tensões e afetos, confiança e desconfiança. Os inquiridos afirmaram que era bom trabalhar com os ucranianos, moldávicos, guineenses, caboverdianos e portugueses, dentre outros, porém enfatizam que, nesse espaço, já existe muito ciúme, inveja e concorrência. A figura 3 mostra o grau de sociabilidades entre os trabalhadores: brasileiros, outros imigrantes e os autóctones. No geral, o trabalhador brasileiro afirma ter uma boa relação com todos, sobretudo com os brasileiros. Aproveitam, também, para afirmar que é necessário ter muito “jogo de cintura” para uma convivência respeitosa, o que nem sempre acontece.

Figura 3 – Convivências no ambiente de trabalho.





Fonte: Pesquisa de campo, 2005.

As relações de sociabilidades entre os brasileiros vão acontecendo (,) também (,) em outros espaços públicos e nos fins-de-semana reúnem-se em casas de amigos ou nas igrejas, sobretudo as evangélicas. Percebeu-se na área de estudo que estas igrejas constituem um lugar de apoio, convivência e sociabilidades da comunidade imigrante brasileira, tanto em Leiria, como em Coimbra. Nesse espaço, os trabalhadores se reúnem para a busca de paz espiritual, não se sentirem sozinhos, poderem conversar sobre assuntos inerentes ao emprego, suas vidas e sobre o Brasil. Tanto em Leiria, como em Coimbra, notou-se a presença, nessas igrejas, de pastores brasileiros. Quando se está longe de casa, são os amigos e os conterrâneos que dão o suporte familiar, formando uma nova família. Ao se inserir numa dessas “famílias”, um tenta ajudar o outro, com orientações, conseguindo emprego e emprestando dinheiro, dentre outras formas de demonstração de solidariedade.

Para Machado (2003:79), dificilmente homens brasileiros e mulheres brasileiras casam-se entre si. O relacionamento com portugueses(as) ainda é preferível, muito embora as relações entre brasileiros e a família do cônjuge seja um pouco conflituosa. Mesmo concordando em parte com esta assertiva, vale salientar-se que deve considerar o tempo. A convivência familiar é complexa. O casamento intercultural nem sempre acontece de forma tranquila. O cotidiano das convivências perpassa, em alguns casos, por situações delicadas e que nem sempre acontece isolado das relações familiares. Alguns estereótipos negativos direcionados à mulher brasileira não são superados pela família do cônjuge português. Isso, de certa forma, tem influenciado negativamente a vivência familiar.

Como o espaço de convivência é muito limitado, às vezes restrito a grupos de imigrantes, nos dias de folga ou nas festas de Natal, por exemplo, eles aproveitam para fazer um balanço da vida. Para isso, organizam um encontro festivo acompanhado de churrasco ou feijoada, música brasileira e muita bebida, não podendo faltar a caipirinha, no caso daqueles que não participam de igreja evangélica.



Igor Machado (O. Cit.:71) ao analisar o jogo da centralidade, salienta a importância da participação do trabalhador brasileiro numa rede social, assim como o papel dos brokers<sup>2</sup> na formação de uma identidade-para-o-mercado, “são esses brokers que controlarão a vida social e darão o tom de brasilidade exotizada na vida cotidiana portuguesa”.

A forma de representar uma comunidade imigrante poderá favorecer ou dificultar a integração dessa população na sociedade de acolhimento. As imagens mentais e as representações são importantes porque, por um lado, podem aproximar a própria comunidade e, por outro, podem discriminar e excluir as pessoas. No caso dos brasileiros, foi criada uma imagem relacionada à alegria, à música, à dança, à gastronomia, mas, também, criou-se um estereótipo negativo relacionado à malandragem e à prostituição. A generalização dessas imagens não é interessante para os integrantes da comunidade e cria obstáculos à integração de trabalhadores na sociedade de acolhimento.

### **A inserção do trabalhador brasileiro.**

A concepção moderna de trabalho decorre do processo de industrialização e da racionalidade econômica, imbuídos numa ideologia neo-liberal (CASEY, 1995). A Região Centro de Portugal, área escolhida para a investigação, apresenta algumas nuances que demarcam o final do século XX e início do século XXI. Caracterizada por uma diferente configuração espacial, tendo como base na Nova Divisão Internacional do Trabalho, apoiado no paradigma tecnológico da informação e da comunicação, esta região tem-se inserido com muita rapidez no processo de globalização e de flexibilização. Isto porque a “nova ordem global implica necessariamente que os Estados Ocidentais e do Sul passem de Estados-Providência a meros agentes econômicos em busca de vantagens competitivas nos mercados globais” (BAGANHA, 2001:139). Isso tem refletido nos diversos campos dos saberes, nas relações sociais e nas mudanças no mundo do trabalho.

---

<sup>2</sup> São brasileiros que estão a mais tempo em Portugal e que têm um papel chave na rede (MACHADO, 2003).



As cidades constituem locais importantes para a fixação de trabalhadores brasileiros. A estrutura econômica de Coimbra, Aveiro e Leiria, baseada em atividades terciárias, sobretudo, e, secundárias, constitui oportunidades para os trabalhadores imigrantes. Para Esteves (2004), o desenvolvimento econômico de um determinado lugar possibilita uma mobilidade ascendente do trabalhador, seja nacional, ou imigrante.

No caso dos sujeitos da investigação, a fixação dos trabalhadores brasileiros em um determinado lugar é muito irregular, depende das oportunidades de emprego e do salário. O trabalho de campo evidenciou que, nos distritos analisados, a mobilidade profissional ascendente é muito fraca. Isso pode ser explicado através de três pontos principais: a maioria chegou após a década de 2000; o desemprego da população autóctone abrange os que têm o terceiro grau; e o relativo dinamismo econômico da Região Centro e de Portugal como um todo, com atividades centralizadas no setor terciário. Os que têm nível de instrução acima do 12º ano de escolaridade<sup>3</sup>, com raras exceções, não conseguem ter uma mobilidade para cima.

Em muitos casos, a mobilidade é descendente, a exemplo de brasileiros com nível superior completo que estão trabalhando como churrasqueiro, cozinheiro e vendedores, entre outras. A realidade empírica conduz a destacar que as informações sobre as oportunidades de emprego e de acesso a um conjunto de bens e serviços, a exemplo de saneamento, educação, saúde, habitação, salário mensal e tranquilidade social, entre outros, estão na base do fluxo emigratório de brasileiros em direção à Região Centro de Portugal.

A questão salarial vem sendo muito discutida por sindicatos e associações de trabalhadores em Portugal. O aumento do número de imigrantes em território português tem contribuído para ampliar as discussões acerca da valorização das horas trabalhadas, ocasionando muitas manifestações de trabalhadores, como a que aconteceu em Lisboa, em Abril de 2005. Os trabalhadores autóctones têm demonstrado insatisfação em relação à política salarial, a perda de direitos trabalhistas, ao desemprego, aos baixos salários e com a necessidade de emigrar para outros países da Europa. Isso porque muitos dos empregos ofertados, em Portugal, são mal remunerados. Além disso, muitas empresas estão sendo deslocadas para outros países da América Latina, ou da Ásia,

---

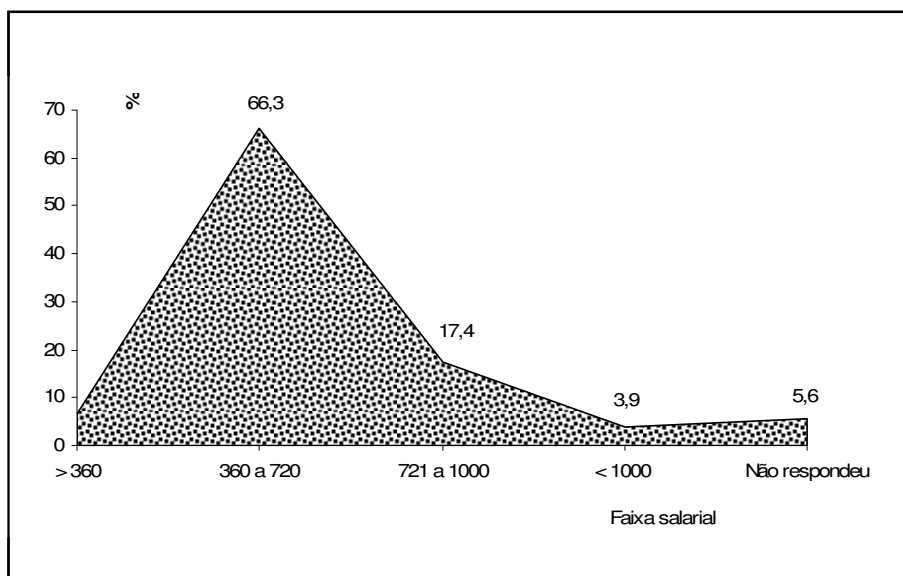
<sup>3</sup> No Brasil, equivale ao 3º ano do ensino médio.

onde as condições de lucratividade são maiores e os processos de aviltamento da classe trabalhadora são complexos.

Conforme salienta Dupas (2007), ao analisar a crise profunda do trabalho estável e de boa qualidade no capitalismo global, reafirma que o futuro do trabalho aparece com contornos sombrios. Para o autor, diante do crescente desemprego estrutural, a dinâmica das tecnologias tem inferido em dois campos de análise: a máquina substituiu o homem ou o trabalho migrou para lugares onde se aceita trabalhar a preços muito baixo. Os dois campos de abordagens têm relação com o mundo do trabalho na área de estudo. O intenso uso da máquina nas atividades é uma realidade como também a deslocação de muitas empresas em Portugal para países que não cumprem as determinações das leis trabalhistas.

No que se refere à faixa salarial de trabalhadores brasileiros inquiridos na pesquisa de campo, detectou-se que a maioria encontra-se na segunda faixa, ou seja, recebe até dois salários mínimos, 66,3%. Na terceira faixa salarial encontram-se 17,4% dos inquiridos na região. No geral, 58% da população ocupada recebe até dois salários mínimos. De três a cinco salários mínimos recebem 23% dos trabalhadores e acima de cinco salários recebem cerca de 10%. Salienta-se também que um total de 11,5% declaram não possuir rendimentos, o que deixa dúvida, uma vez que para viver em qualquer lugar do mundo é preciso ter alguma fonte de renda, seja proveniente da família ou do próprio indivíduo, conforme figura 4.

Figura 4 – A faixa salarial de brasileiros inquiridos (Euros).

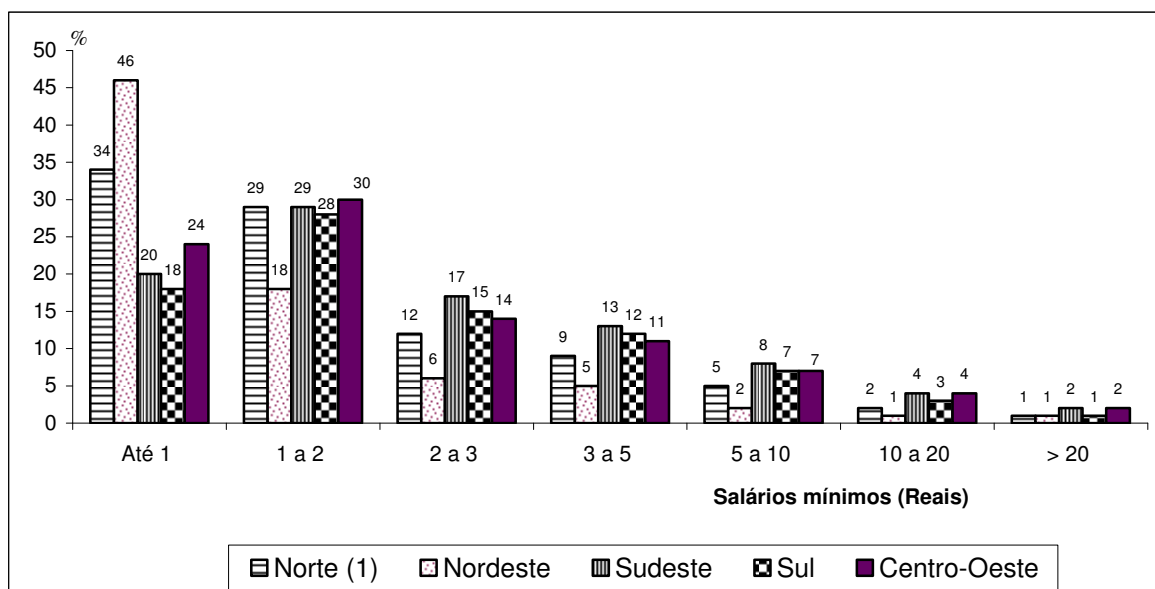


Fonte: Pesquisa de campo, 2005.

Os inquiridos consideram o vencimento relativamente baixo, o que dificulta a materialização do sucesso econômico rápido, imaginado ao sair do Brasil. Mas, ao mesmo tempo, eles enfatizam que pior seria estar no Brasil, uma vez que o acesso a bens e à qualidade de alguns serviços públicos, a exemplo de saúde, educação, segurança, transporte e saneamento, entre outros, justificam a permanência em Portugal. Alguns trabalhadores não estão satisfeitos com a migração e demonstram um certo gosto em seguir para um outro país da Europa.

Ao analisar os níveis de rendimento no Brasil, por regiões, percebeu-se que a maioria recebia até dois salários mínimos. A figura 5 mostra a faixa salarial acessada por trabalhadores, no Brasil, segundo as regiões. No conjunto das regiões, o Nordeste tem destaque com o maior número de pessoas recebendo até 1 salário mínimo, seguido das regiões Norte e Centro Oeste. Ao ampliar a faixa salarial, nota-se o decréscimo da participação da população do Norte/Nordeste. No universo das informações, o percentual da população trabalhadora que recebe acima de 5 salários mínimos é pouco significativo.

Figura 5 - Distribuição dos ocupados, por níveis de rendimento, Brasil e regiões, 2003.



Fonte: Organizado pela autora, com base nos dados IBGE/PNAD/DIEESE, 2003.

Portanto, as cidades constituem o ponto-chave no processo de acolhimento dos imigrantes e pode proporcionar formas de integração e sociabilidades mais



humanizadas. Nesse ambiente de flexibilização e competitividade, faz-se importante analisar como acontecem as jornadas de trabalho.

## **A jornada de trabalho**

A empregabilidade e a terceirização vêm acompanhadas da “liberdade” para a criação do próprio emprego e disponível para variadas atividades, assim como da intensificação do trabalho, da subcontratação, de baixos salários e da perda dos direitos trabalhistas. Para Mechedff (1996:76), a empregabilidade constitui um conjunto de conhecimentos, habilidades, comportamentos e relações que tornam o profissional necessário não apenas para uma, mas para toda e qualquer organização.

Este conceito apresenta uma certa ambiguidade, uma vez que, por um lado, pode criar uma nova esperança e por outro pode aumentar a desesperança. Nessa ótica, o indivíduo deve buscar novas habilidades, estar disponível para as mudanças e pronto para trocar de emprego e de função a qualquer momento. Ao transferir a responsabilidade de inserção no mercado de trabalho para a pessoa, cria-se uma expectativa ilusória, diante do limite da oferta de emprego existente atualmente, comprometendo ainda mais o nível psicológico e emocional das pessoas, sobretudo dos imigrantes sem emprego. Isso porque a implantação de empreendimentos, por parte dos trabalhadores brasileiros na Região Centro, ainda é insignificante. No entanto, tem aumentado o número de empresários portugueses a implantar restaurantes e cafés usando a logomarca, a alegria e a simpatia brasileira (MACHADO, Op. cit.).

Na nova “era” do emprego, a cidadania do trabalhador está mais fragilizada, isso porque amplia-se a insegurança no trabalho, a redução do custo da mão-de-obra e a perda de alguns direitos trabalhistas. Na opinião dos inquiridos, essa questão tem influenciado na migração internacional de trabalhadores brasileiros, em direção à Região Centro de Portugal. Os baixos salários e a dificuldade para acessar determinados bens foram identificados como impulsionadores da emigração brasileira. Como este processo está em várias partes do mundo, porém em escalas e níveis diferenciados, presencia-se também, nesta região, o aumento da exploração da classe trabalhadora seja autóctone, ou não-autóctone. No caso do trabalhador imigrante, a situação fica mais delicada, uma vez que muitos para sobreviverem são direcionados para o mercado do

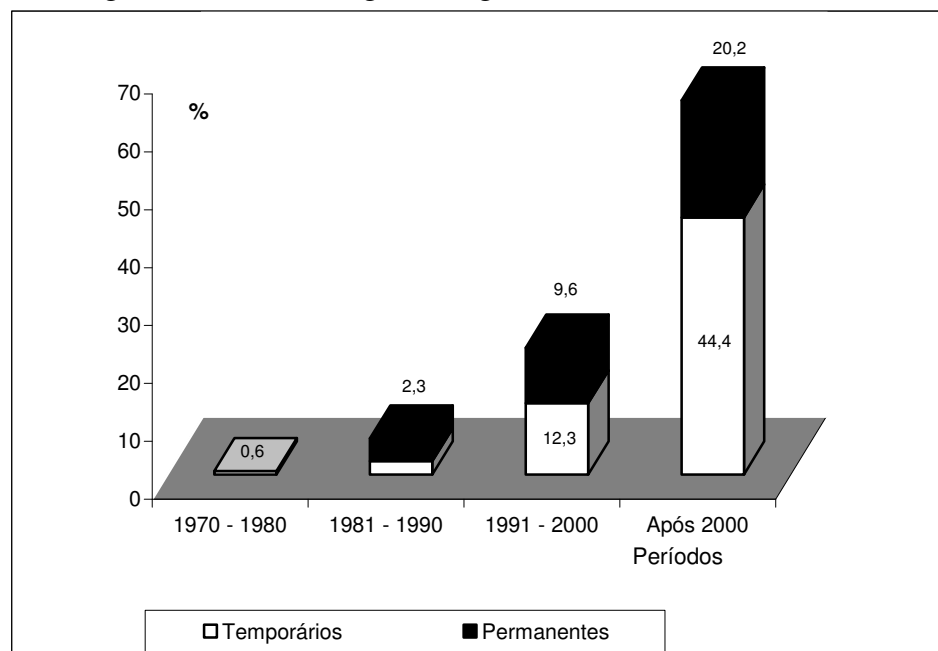
subemprego, de baixa remuneração, ou outras formas de aviltamento desta classe trabalhadora.

A falta de atenção do Ministério das Relações Exteriores do Brasil e a baixa participação política dos imigrantes brasileiros fazem com que estes fiquem sujeitos aos detentores do capital, cuja palavra de ordem é a elevação do lucro e da competitividade, através da exploração e do sobretrabalho. Entretanto, para alguns, mesmo diante das condições observadas de “sub-trabalhador”, os investigados afirmam que conseguem economizar um pouco do salário para acessar alguns bens de consumo, como DVD, telefone celular, máquina fotográfica digital, carro e, sobretudo, comprar uma casa no Brasil: sonho ao sair do país. Percebe-se, através dos relatos, que a aquisição da casa própria no Brasil constitui uma das maiores expectativas. Para se conseguir, é preciso ter perseverança e trabalhar muito.

As estatísticas mostram que em 1980 a quantidade de trabalhadores brasileiros migrando em direção a Portugal era menor e a oferta de empregos era maior, sendo estes mais permanentes, ou seja, com contrato de trabalho, por um período de tempo maior. A partir da década seguinte, com o aumento da população imigrante, observou-se a redução dos empregos permanentes e o aumento dos empregos temporários, do tipo “*part time*”.

A figura 6 mostra o cruzamento de dados entre o regime de trabalho e o ano de chegada dos inquiridos na Região Centro de Portugal. No tocante à inserção no mercado laboral, caso específico da comunidade em estudo, notou-se que muitos trabalham no setor terciário, ou seja, em cafés, restaurantes e empresas terceirizadas de limpeza, onde o emprego é temporário.

Figura 6 – Ano de chegada e regime de trabalho.





Fonte: Pesquisa de campo, 2005.

Em relação à década anterior, no ano de 2000, o número de possuidores de contratos permanente e temporário era o dobro, ou seja, 20,2% e 44,4%, respectivamente. A ampliação da malha de empregos temporários combina com o aumento do número de brasileiros na Região Centro de Portugal e com o processo de flexibilização e terceirização.

Ao relacionar a jornada com o regime de trabalho, nota-se que 36% dos trabalhadores brasileiros inquiridos com regime de trabalho temporário submetem-se a uma carga horária acima de 8 horas diárias, ou seja, para manter o emprego e receber uma compensação financeira muitos trabalham até 16 horas por dia. Um dos reflexos do processo de globalização, na diáspora atlântica, recai justamente pela substituição do trabalho formal pelo informal, cuja expressão se dá pela contratação de mão-de-obra temporária, (CATAPAN et al, 1999).

Esta tendência tem se acentuado em Portugal sobretudo com os trabalhadores imigrantes. Nos relatos, alguns deixam claro que o receio de perder o emprego faz com que não reivindiquem o pagamento das horas extraordinárias e os direitos que são comuns aos empregados nacionais. Isso também, de certa forma, é criticado pelos sindicatos e associações de imigrantes, uma vez que esta precarização amplia as possibilidades de aviltamento do trabalhador brasileiro e cria uma situação desconfortável para os trabalhadores autóctones.

Por fim, as relações e convivências, a forma de inserção e a jornada de trabalho envolvem além das competências técnicas, as competências psicológicas e emocionais e a maneira do empregador português ver o outro. A capacidade de compreensão do imigrante de que ele se encontra num país com cultura e modo de ver o mundo diferente constitui um diferencial significativo no processo de convivências e sociabilidades, tanto no ambiente do trabalho, como nas relações sociais.

## **Considerações**



O estudo sobre a migração de trabalhadores brasileiros em direção aos distritos de Aveiro, Coimbra e Leiria procurou evidenciar o papel dos sujeitos da investigação na transformação da paisagem. Isso visa subsidiar políticas públicas de desenvolvimento territorial tanto em Portugal como no Brasil. A situação vivenciada socialmente por brasileiros e brasileiras, marcada por baixos salários, desemprego, flexibilização, violência, dificuldade de acesso à habitação, à escola e à saúde e um Estado fraco impulsionou jovens e adultos a realizarem uma migração internacional com destino a Portugal. A investigação constatou que, a partir do ano de 2000, aumentou significativamente a população brasileira na Região Centro, sobretudo após o ano de 2003. As barreiras impostas pelos Estados Unidos - rota tradicional de trabalhadores brasileiros - o desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação, a possibilidade de seguir para outro país da Europa, a existência de redes sociais, especificadamente amigos e parentes, a proximidade cultural e linguística e a vontade de conhecer novas experiências foram identificadas como pontos positivos para a escolha do país de destino.

No atual estágio da globalização, as relações de trabalho e a organização sindical são fragmentadas e desestruturadas. Isso favoreceu o aparecimento de um mundo do trabalho com baixa intensidade de cidadania e poucos direitos, sobretudo quando se trata de trabalhadores imigrantes. O acesso às inovações tecnológicas facilitou as possibilidades de comunicação e de transporte, porém, também, ampliou as formas de aviltamento dos trabalhadores, sobretudo os imigrantes. Esta questão tende a se agravar para cidadãos brasileiros e/ou outros imigrantes que se encontram sem o visto de trabalho. O que denota maior vulnerabilidade a diferentes tipos de exploração.

Mesmo diante das diferentes e complexas vivências, a maioria dos inqueridos demonstrou ter consciência da origem dos problemas sociais do Brasil, da exploração da mão-de-obra imigrante em Portugal, do ritmo de trabalho que é muito pesado e do salário baixo; mas mesmo assim enfatizaram ser melhor do que ficar no Brasil. O número de mulheres brasileiras que se submetem a uma migração internacional com destino a Portugal tem aumentado significativamente.

As redes sociais a envolver parentes e amigos existentes no lugar de acolhimento, a falta de perspectiva no Brasil, o mapa mental de Portugal e da Europa e as



representações sociais sobre a migração internacional constituíram um vetor de mobilidade de trabalhadores brasileiros em direção à Região Centro de Portugal. Desta forma, na atualidade, a mobilidade profissional do imigrante brasileiro é variável de acordo com a escolaridade: estacionária e/ou ascendente para quem tem escolaridade até o terceiro ciclo e descendente para quem tem o nível superior e pós-graduação.

## Referencias Bibliográficas

CASTLES, Stephen. *Globalização, Transnacionalismo e Novos Fluxos Migratórios: dos trabalhadores convidados às Migrações Globais*. S.I., Fim de Século, Lisboa, 2005.

CASTLES, Stephen e MILLER, Mark J. *The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World*. Third Edition, Macmillan, Londres, 2003.

BAGANHA, M. I. e Marques, J. C. *Imigração e política*. O caso português. Fundação Luso-Americana, Lisboa, 2001.

\_\_\_\_\_. *A cada Sul o seu Norte: dinâmicas migratórias em Portugal* In: Boaventura, S. S. *Globalização, Fatalidade ou Utopia? Afrontamento*, Porto, 2001, pp. 135-159.

CATAPAN, Araci Hack e Thomé, Zeina Rebouças C. *Trabalho & Consumo. Para além dos parâmetros curriculares*. Editora Insular, Santa Catarina, 1999.

CASEY, Catherine. *Work, Self and Society*. Routledge editors, London and New Work, 1995.

DUPAS, Gilberto. *O futuro do trabalho em discussão*. Jornal O Estado de São Paulo, 17 de Novembro, São Paulo, 2007.

ESTEVES, Alina Isabel P. *Imigração e cidades: Geografias de metrópoles multiétnicas, Lisboa e Washington*. Tese de doutoramento em Geografia Humana, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2004.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico*. IBGE, Rio de Janeiro, 2003.

MACHADO, Igor José de Reno. *Cárcere Público. Processo de exotização entre Imigrantes brasileiros no Porto, Portugal*. Tese de doutoramento em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, S. Paulo, 2003.

MECHEDFF, Nassin G. *A era da empregabilidade*. O Globo, Rio de Janeiro, out, 1996.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

SANTOS, M. *O novo século das luzes*. Jornal Folha de São Paulo, caderno Mais, 4 de Janeiro, São Paulo, 2001.

SANTOS, Noberto Pinto dos. *A sociedade de consumo e os espaços vividos pelas famílias*. Tese de doutoramento em Geografia defendida na Universidade de Coimbra. Colibri, Lisboa, 2001.

SOARES, Holgonsi. *Globalização- sobre o mundo do trabalho*. Jornal “A Razão”, de Maio de 1997. Acessado na Internet no site <http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/index.gtrabalho.html> [27/9/2006]